

CORPO DE VIDRO

Novela criada e escrita por  
WAGNER JALES

Capítulo 27

### NO CAPÍTULO ANTERIOR

Mariano consegue conter Eva, interrompendo o escândalo e a levando para casa;

Elis passa mal e é socorrida por Humberto, alarmando Ian;

Gael e Ruan são mantidos como reféns por dois criminosos em um restaurante;

Benício provoca Mariano, que se enfurece e parte para cima dele, o agredindo;

**01. INT. HOSPITAL. SAGUÃO DE RECEPÇÃO - DIA.**

CONTINUAÇÃO DO CAPÍTULO ANTERIOR: TENSÃO. Cauã, Luciano e um enfermeiro seguram Mariano, que está descontrolado. Benício continua no chão com as mãos sobre o rosto, tentando se defender.

MARIANO

(gritando, descompensado)  
Você é um desgraçado! Um maldito!  
Deus tá vendo tudo que você faz.

BENÍCIO

(ofegante)  
Você quem se comporta como um  
animal e ainda aponta o dedo pra  
mim? Tá todo mundo vendo.

Benício ainda está de joelhos, respirando com dificuldade, os lábios inchados, sangue escorrendo do nariz. Mariano se solta dos braços de Luciano e se aproxima novamente.

Mariano segura Benício pelo colarinho, o puxando para cima. Benício tenta falar algo, mas leva outro soco na boca. Um estalo seco ecoa. Pessoas na sala recuam, assustadas.

MARIANO

Eu vou botar a polícia no teu  
encalço, seu falso profeta. Vou  
abrir cada podridão que você  
esconde, ouviu?

BENÍCIO

(assustado)  
Você... você tá perdido, Mariano.

MARIANO

Perdido tá você. Vou fazer  
questão de ver você apodrecer na  
cadeia. Ninguém vai encostar mais  
na minha filha por sua culpa!

Mariano dá um empurrão em Benício, que cai sentado no chão, sem forças para reagir. Mariano cospe no chão, encara o pastor caído sobre a cerâmica clara. Cauã e Luciano se aproximam, puxando Mariano pelo braço.

MARIANO

Acabou pra você. Juro por Deus  
que vou botar a polícia na sua  
porta.

Benício, no chão, passa a mão pelo rosto machucado. O olhar dele vacila, observando Mariano se afastar. Natália os acompanha, ainda tremendo, nervosa com a situação.

Benício engole seco, sentado no chão do hospital, vendo os três se afastarem enquanto algumas pessoas ao redor murmuram e observam a cena, chocadas. O enfermeiro tenta ajudá-lo a se erguer, Benício rejeita. Nele irritado:

## **02. EXT. HOSPITAL. FACHADA - DIA.**

Cauã e Luciano praticamente arrastam Mariano para fora, a porta automática se fecha atrás dos personagens. Mariano respira fundo, ergue a cabeça e encara o céu azul-celeste.

LUCIANO

Pai, vamos pra casa. Você precisa respirar, tomar um banho, esfriar essa cabeça. Você não pode ficar aqui assim.

MARIANO

Eu não devia ter deixado aquele desgraçado chegar perto, devia ter acabado com ele faz tempo.

LUCIANO

Eu sei, mas agora não é hora.  
Você tá cansado, tá magoado...  
Lavínia precisa de você inteiro.  
Vai pra casa, descansa um pouco.

Mariano para, encara o filho nos olhos, como se quisesse argumentar. Seus ombros caem, derrotado.

CAUÃ

Luciano tem razão, não adianta continuar aqui nesse estado de nervos, não vai ajudar em nada.

LUCIANO

A gente fica, Natália também vai ficar. Qualquer novidade, eu te ligo na hora. Confia em mim.

CAUÃ

A gente avisa tudo, Mariano. Vai, dorme um pouco. Você tá exausto.

Mariano olha para os dois, a expressão ainda endurecida, os olhos brilhando de cansaço.

MARIANO

Se aquele miserável pôr o pé aqui de novo, você me avisa, Luciano.

LUCIANO

(segura o ombro do pai)  
Deixo nem chegar perto. Prometo.

Mariano faz um aceno curto. Luciano observa Mariano se aproximar de uma praça de táxis perto do estacionamento, ao lado do hospital. Em Mariano andando devagar:

### **03. INT. RUA. TÁXI - DIA.**

DRAMA. CAM se aproxima devagar de Mariano no banco de trás, sentado junto à uma janela observando a paisagem urbana. Seus olhos marejam até derrubarem lágrimas que rolam pelas suas bochechas. Ele as limpa com as mãos, novas surgem.

Mariano coça os olhos, em visível desespero, vertendo mais e mais lágrimas. Seu rosto todo se enrugando em uma careta e ruboriza com o pranto. Na sua expressão de sofrimento:

### **04. INT. RESTAURANTE. SALÃO DE MESAS - DIA.**

SUSPENSE. Os dois criminosos, de roupa preta e balaclava, levam os funcionários do restaurante até o aglomerado de clientes em um canto do salão, reunindo todos como reféns.

Mesas empurradas, cadeiras tombadas. Aproximadamente quinze pessoas, sentadas no chão ou agachadas, tentam não fazer barulho.

CRIMINOSO 1

(tom alto)

Se a polícia não responder, vai  
ter sangue aqui dentro!

Ruan está sentado no chão, costas na parede, tentando manter a calma. Gael está ao lado dele, os dois trocando olhares tensos. O outro criminoso aponta um revólver para os reféns. Uma mulher chora, apavorada.

CRIMINOSO 2

Vai todo mundo pra cozinha. Bora!  
Sem gracinha! Ligeiro, vai, anda!

Todas as pessoas se levantam e caminham escoltadas pelos criminosos rumo ao balcão, depois entrando numa porta com uma janela de vidro redonda. No ambiente sendo esvaziado:

## **05. INT. RESTAURANTE. COZINHA - DIA.**

Gael, Ruan, clientes e funcionários entram na cozinha apertada, abafada pelo calor das chapas ainda mornas. Panelas e utensílios espalhados dão ao ambiente um ar de bagunça sufocante.

Os dois criminosos, suados e nervosos, gritam ordens enquanto fecham a porta que dá para o salão e empurram as pessoas para um canto no extremo oposto da porta de saída.

CRIMINOSO 1

Encosta todo mundo aí, na parede!  
E cala a boca!

Gael, de mãos erguidas, se posiciona ao lado de Ruan. Funcionários de avental branco se abraçam em pânico, algum cliente murmura uma oração baixinho.

Gael ergue o olhar e vê, acima da sua cabeça, na parede, uma grande janela de vidro cristalizado perto de uma pia velha com um amontoado de louça suja.

RUAN

Gael, não olha pra lá. Para com isso.

GAEL

Se eu subir na pia, dá pra abrir toda. Dá pra passar gente.

RUAN

Você vai morrer, eles estão armados!

Um dos bandidos se volta para eles, apontando a arma.

CRIMINOSO 2

Que foi? Tá murmurando o quê aí, playboy?

GAEL

Nada, chefe. Só tô rezando.

O criminoso cospe no chão, irritado, e volta a rondar a cozinha. Gael abaixa a cabeça, seus olhos brilham com o reflexo da janela. Ele respira fundo, encosta as costas na parede de azulejos engordurados.

No silêncio tenso, o som de uma sirene distante faz os criminosos trocarem olhares paranoicos. Gael aperta o punho devagar. Os dois criminosos cochicham coisas entre si, então um deles sai. Em Gael atento:

## **06. INT. HOSPITAL. SAGUÃO DE ESPERA - DIA.**

Cauã, Luciano e Natália estão sentados em poltronas. Natália com a cabeça apoiada no ombro de Luciano, ambos cochilando. Cauã parece inquieto, sacudindo uma perna.

Cauã se levanta, olha ao redor. Tira o celular do bolso e observa suas notificações. Ele pressiona um botão para apagá-las, depois realiza uma ligação.

CAUÃ

Atende, Gael... cadê você?

Nele tenso esperando:

**07. INT. RESTAURANTE. COZINHA - DIA.**

TENSÃO. O criminoso retorna, batendo a porta atrás de si com força e encontrando o comparsa.

CRIMINOSO 1

Fui olhar a sirene. Os *homem*  
cercaram a frente.

CRIMINOSO 2

Puta que pariu! Se eles *meter*  
bala, nós *mete* também.

O outro criminoso morde o lábio, batendo o cano da arma contra a perna. O pânico toma conta do grupo.

Furioso, um dos criminosos segura um dos funcionários, um rapaz magro, alto e trêmulo, pelo colarinho, e o puxa até o centro da cozinha.

CRIMINOSO 1

Tu vai ser o escudo, tá ligado?  
Se tentarem invadir, esse aqui  
vai na frente!

O refém chora, implora por socorro. Gael e Ruan trocam um olhar desesperado.

O celular de Gael toca baixo no bolso, a tela se acende com o nome de Cauã. O som abafado da chamada quebra o silêncio tenso. Um dos bandidos se volta para Gael com os olhos estreitos.

CRIMINOSO 2

Que porra é essa?

Gael tenta silenciar o celular, mas o bandido avança, arranca o telefone da mão dele e encara o visor.

CRIMINOSO 2

Quem é Cauã? É polícia?

GAEL

É só meu companheiro. Ele não tem  
nada a ver com isso.



CRIMINOSO 2

Tá de brincadeira comigo,  
playboy? Tá querendo entregar a  
gente?

O bandido desfere um soco forte no rosto de Gael, que tomba para um lado. Ruan solta um grito. O criminoso segura Gael pelo colarinho, o erguendo até sua altura. Os dois ficam cara a cara.

RUAN

Para com isso! Deixa ele!

O criminoso ameaça Ruan com a arma, volta a encarar Gael, que sangra pelo canto da boca. Ele o empurra para o chão, fazendo o celular deslizar longe, a chamada de Cauã ainda piscando na tela, sem resposta.

O criminoso se aproxima do celular e pisa com força várias vezes, estilhaçando o aparelho. Irritado, ele aponta o seu revólver na direção dos reféns, fazendo uma mulher chorar alto, gemendo.

CRIMINOSO 2

O próximo celular que tocar eu  
estouro os miolos de quem tá  
recebendo a chamada, entenderam  
bem?

Gael e o criminoso trocam olhares, a tensão pesando o ambiente. Em Gael ferido:

## **08. INT. CLÍNICA. SALA DE ESPERA - DIA.**

Ian e Humberto estão sentados lado a lado em poltronas. Humberto segura um copo de café já frio, Ian tamborila os dedos no joelho, inquieto.

Uma médica se aproxima com uma prancheta na mão e um semblante sério. Ian e Humberto se levantam ao mesmo tempo.

MÉDICA

Vocês são os parentes de dona  
Elis, não são?

IAN

Sim, doutora. Eu sou filho dela.

MÉDICA

Elis tá estável no momento, mas confirmamos uma infecção viral. Estamos administrando medicação intravenosa para conter o quadro.

Ian leva as mãos à cabeça, aflito. Humberto suspira pesado.

HUMBERTO

Ela vai ficar bem, doutora?

MÉDICA

Estamos monitorando. O quadro inspira cuidados, mas ela está respondendo. Vocês podem vê-la, um de cada vez, mas peço que não se prolonguem, ela precisa de descanso.

Ian olha para o pai, ainda hesitando.

IAN

Posso ir primeiro?

HUMBERTO

Vai, filho. Vai lá. Diz a ela que eu tô aqui fora esperando.

Ian toca o ombro do pai antes de seguir a médica corredor adentro. Em Humberto voltando a se sentar na poltrona:

## **09. INT. CLÍNICA. QUARTO DE ELIS - DIA.**

A porta se abre devagar. Ian entra, hesitante, segurando firme na maçaneta. Elis está deitada, pálida, com soro no braço e cobertores até a cintura. Ela sorri ao vê-lo.

ELIS

Filho! Vem cá pertinho.

Ian se aproxima, se senta na poltrona de acompanhante. Pega a mão dela, apertando com cuidado.

IAN

Vim assim que pude, mãe. Desculpa não estar contigo quando tudo aconteceu.

ELIS

Não fala assim, Ian, eu tô bem. É só um susto, você sabe. Isso vai passar.

IAN

Você tá fraca, mãe, tá com infecção, lutando contra a leucemia e ainda me consola. Devia ser o contrário.

ELIS

(sorri)

Eu sou sua mãe, meu amor. É assim que funciona. Não carregue culpa por mim. Eu sei que você faz o melhor que pode.

IAN

Eu podia ser mais presente... devia ter contado mais de mim pra senhora.

ELIS

Você vai me contar quando quiser, não cobro nada de você, amor. Eu só quero que viva, que seja feliz. Isso me basta.

IAN

Mãe... tem uma coisa que eu queria te contar.

ELIS

Diz, então. Pode falar.

IAN

Eu tenho uma amiga... Dafne. Ela é muito importante pra mim. Minha melhor amiga, na verdade.

Elis franze a testa, mas sorri, esperando mais.

ELIS

E por que você tá me contando  
isso assim, com essa cara de quem  
cometeu um crime?

IAN

Porque eu nunca te falei dela  
direito. Eu escondi, tive medo de  
apresentar. Dafne é aquela moça  
alta que tava comigo no saguão do  
meu local de trabalho. Ela é uma  
mulher trans. Eu menti dizendo  
que era só uma amiga de trabalho.

Elis não reage de imediato. Fica em silêncio, apenas  
observa Ian, que continua, atropelando as palavras.

IAN

Ela ficou magoada, mãe. Disse que  
eu sou covarde. E eu acho que ela  
tá certa. Eu escondi ela de vocês  
porque fiquei com medo do que iam  
pensar. Que vocês iam achar que  
eu...

Ele para, a voz falha. Elis ergue a mão e toca de leve o  
rosto dele.

ELIS

Você teve medo da nossa  
ignorância, é isso?

IAN

É. E agora eu posso perder a  
amizade dela. Ela não confia mais  
em mim.

ELIS

Ian, se essa moça é sua amiga de  
verdade, vai entender seu medo.  
Mas você precisa ser sincero com  
ela. E com a gente. Você tem que  
viver sem vergonha de quem tá do  
seu lado. Isso é o que eu quero

ELIS (CONTINUANDO)  
para ti. Você precisa procurá-la  
pra pedir desculpas. E sobre ser  
uma mulher trans, isso não muda  
nada. As pessoas têm o direito de  
ser quem são. A gente que precisa  
ter a cabeça aberta pra entender.  
O que importa é quem ela é pra  
você.

Ian suspira, emocionado, beija a mão da mãe.

IAN  
Você não sabe o peso que tira das  
minhas costas, mãe...

Elis sorri, cansada, mas satisfeita.

ELIS  
Eu sei, amor. Você carrega muita  
coisa sozinho, só que não precisa  
mais disso. Seja verdadeiro com  
ela, conosco e, principalmente,  
consigo mesmo. Promete pra mim,  
nada de segredos. Nem da gente  
nem de você mesmo.

IAN  
Eu prometo. Vou falar com ela.

Os dois sorriem e se abraçam. No afeto:

#### **10. INT. EMPRESA LAEL. COPA - DIA.**

A copa está silenciosa, exceto pelo som do café gotejando na cafeteira. Dafne está encostada na pia mexendo no seu celular enquanto espera.

Ian entra devagar, a observando por um instante antes de falar. Dafne ergue os olhos devagar, fria, com certo cansaço. Ela cruza os braços.

DAFNE  
Tá precisando de alguma coisa?

IAN

Fui ver minha mãe hoje na clínica. Ela tá melhorando. Eu contei pra ela sobre você. Sobre nós.

Dafne arqueia uma sobrancelha, claramente surpresa, mas se contém.

DAFNE

Contou mesmo?

IAN

Contei tudo. Que você é minha melhor amiga, que eu errei em não ter te apresentado direito, que fui um covarde. Ela me apoiou, Dafne. Disse que não se importa com nada disso.

DAFNE

Bom saber que ela entende, no entanto isso não apaga o que você fez, Ian. Você mentiu, me escondeu como se eu fosse uma coisa feia.

IAN

(aproxima-se devagar)

Eu sei, fui um idiota. Tive medo de decepcionar meus pais, de dar mais trabalho à minha mãe... e errei com você. Não quero perder a tua amizade, Dafne.

DAFNE

Você não entende, né? Eu me senti descartável, me senti menos que um alfinete. É horrível se sentir dessa maneira.

IAN

Juro que vou consertar isso. Quero que eles te conheçam, que vejam quem você é de verdade.

DAFNE

Será que quer mesmo? Sua atitude disse o contrário. Se eu não tivesse me manifestando você ia fazer o quê? Tentar me esconder debaixo do tapete toda vez que seus pais aparecessem? Ainda tô magoado, não posso perdoar agora.

IAN

Espero o tempo que precisar.

DAFNE

Então começa me servindo um café. Quem sabe eu acredite.

Ian sorri, aliviado, pega uma caneca e a ajuda. Nele tirando o café da cafeteira:

#### **11. INT. HOSPITAL. LEITO DE LAVÍNIA - DIA.**

Máquinas apitam em ritmo estável, Lavínia segue desacordada na cama com o rosto sereno, embora pálido. O médico entra, se aproxima de uma enfermeira junto ao leito de Lavínia.

ENFERMEIRA

Saturação estável, pressão normalizando e os reflexos estão começando a responder melhor.

MÉDICO

Ela está reagindo melhor do que esperávamos para o pós-operatório imediato. Essa garota é forte.

No médico olhando com confiança para a enfermeira:

#### **12. INT. HOSPITAL. SAGUÃO DE ESPERA - DIA.**

Natália está sentada em uma cadeira lendo algo no celular. Luciano encosta na parede, tomando um café em um copo de isopor. Cauã anda de um lado para o outro, inquieto.

Eva surge de repente, abatida, com os olhos arregalados de expectativa. Ela segura firme uma pequena bíblia contra o peito e anda apressada até Luciano e Natália.

EVA

Gente, alguma novidade? Como  
Lavínia está?

NATÁLIA

(levantando-se)

Tá tudo caminhando. O médico  
passou agora há pouco, disse que  
ela tá reagindo bem à cirurgia.

EVA

Ela vai acordar?

CAUÃ

Ainda pode levar um tempo, ela tá  
melhorando.

LUCIANO

A recuperação vai ser lenta, mãe.  
É um milagre ela ter resistido.

EVA

Eu rezei, pedi tanto. Eu sei que  
foi Deus que salvou minha filha!

Natália troca um olhar rápido com Cauã. A expressão de Eva muda repentinamente, sem motivo aparente, e ela passa a encarar Natália como se estivesse diante de um bicho feroz.

EVA

Você ainda tá aqui? Vai ficar  
grudada na minha filha até  
quando?

NATÁLIA

Enquanto ela precisar de mim,  
dona Eva, não vou sair daqui.

EVA

(aproxima-se devagar)

Pois devia. Tudo que aconteceu é  
culpa desse... desse caminho



EVA (CONTINUANDO)

errado que vocês escolheram.  
Lavínia tá pagando caro por esse  
pecado! Você não tem medo de ser  
a próxima, não?

CAUÃ

Eva, agora não é a hora. A gente  
não vai começar isso aqui. Não é  
hora de brigar por causa de  
moralismo seu.

LUCIANO

Você quer mesmo começar outra  
confusão igual começou com meu  
pai? Já não foi suficiente ver  
Mariano explodindo ontem? Já teve  
outra confusão aqui hoje, meu pai  
encheu a cara daquele falso  
profeta de porrada. Daqui a  
pouco, vamos ser todos expulsos  
desse hospital.

EVA

Mariano teve essa coragem?! Meu  
Deus do céu... o Senhor vai nos  
castigar, Benício é um homem de  
Deus, um servo divino.

NATÁLIA

O homem de Deus tentou ferrar com  
a vida da Lavínia e quase a  
matou! O que mais você quer?  
Empurrar Lavínia pro mesmo buraco  
de culpa e fanatismo que empurrou  
Mariano?

Luciano põe a mão no ombro de Natália, tentando conter a  
tensão.

LUCIANO

Já deu, não é hora nem lugar.  
Lavínia não merece essa briga  
aqui fora enquanto tá lutando lá  
dentro.

NATÁLIA

E se você não consegue respeitar  
isso, Eva, é melhor ficar calada.  
Já deu confusão demais nessa  
família.

Eva, ofegante, balança a cabeça, engole em seco e recua, se  
tremendo de raiva. Natália vira o rosto, firme, controlando  
a respiração. Em Eva brava:

### 13. INT. RUA. CARRO DE BENÍCIO - DIA.

**SONOPLASTIA: Nação Zumbi - Pegando Fogo.** Benício dirige por  
um trânsito moderado enquanto usa um lenço para limpar o  
sangue no canto da boca. Seu rosto está inchado, um lábio  
rasgado e um olho roxo.

BENÍCIO

Desgraçado, canalha! Isso não vai  
ficar assim, Mariano. Você pensa  
que vai me derrotar e me humilhar  
na frente dos outros, né? Pobre  
coitado! Eu vou acabar com a sua  
raça, vou destruir sua família  
patética e pecaminosa. Vai ser um  
sabor te ver sofrer ainda mais,  
seu imbecil. Você não perde por  
esperar. Posso até ter muito a  
perder, mas você tem muito mais,  
miserável.

Benício soca o volante com a mão livre, o carro dá uma  
balançada na faixa. Ele cospe no assoalho do carro, arranca  
com mais velocidade, os pneus guincham. No seu semblante de  
puro ódio:

### 14. INT. IGREJA EVANGÉLICA. SALA DE APOIO - DIA.

A assistente de Benício, uma menina de aproximadamente 15  
anos, organiza o equipamento de som (microfone, tripé,  
caixas de som) quando Benício irrompe com um lenço sujo de  
sangue. A menina se assusta, recuando.

BENÍCIO

Cuida desses ferimentos pra mim.  
Não quero ninguém me vendo nesse  
estado.

Na menina assustada, hesitante: SONOPLASTIA OFF.

**15. INT. IGREJA EVANGÉLICA. SALÃO PRINCIPAL - DIA.**

Sarah entra carregando uma marmita de vidro com um pano enrolado em volta. Olha em torno, encontrando tudo quieto, exceto pela porta da sala de apoio entreaberta.

Sarah anda até a sala, fazendo silêncio ao se aproximar. Olhando para dentro, flagra Benício sentado em uma cadeira de plástico enquanto a menina passa remédio nos ferimentos do seu rosto.

Benício alisa a cintura da menina, que engole em seco, meio desconfortável, sem reagir. Sarah observa um sorriso surgir no rosto de Benício ao afagar o corpo da adolescente.

Sarah empurra a porta devagar, produzindo um estrépito que chama a atenção de Benício e da adolescente. Os três trocam olhares em silêncio, sem palavras ou reações. Em Sarah:

**ABERTURA**

**16. INT. IGREJA EVANGÉLICA. SALA DE APOIO - DIA.**

TENSÃO. Sarah entra na sala, encara Benício e a jovem. Um silêncio pesado e constrangedor paira entre eles. Sarah se aproxima de Benício, que se levanta. A adolescente recua timidamente, tensa e calada.

SARAH

Benício, o que aconteceu com  
você? Por que não foi direto pra  
casa? Você tá machucado. Você se  
envolveu em alguma briga?

BENÍCIO

Ah, Sarah... você sabe como é essa vida de pastor, não é? Seu cunhadinho, Mariano, não aguentou ouvir umas verdades e explodiu. Tudo isso enquanto eu só tentava buscar por notícias de Lavínia. Você sabe que eu a tenho como uma sobrinha legítima, não sabe?

SARAH

(incrédula)  
Mariano fez isso com você?!

BENÍCIO

Juro. Tem até testemunha. Mas Deus é justo, Sarah, me protege. Ninguém que tente me atingir se sai ileso porque sou um enviado do Senhor para espalhar a palavra da bíblia e a bondade às pessoas.

Benício pega a marmita das mãos de Sarah e volta a se sentar na cadeira, fazendo um gesto para a adolescente continuar com os cuidados. Em Sarah inexpressiva:

#### **17. INT. RESTAURANTE. COZINHA - DIA.**

TENSÃO. Os clientes, reféns, estão amedrontados, sentados no chão, imóveis. Um dos criminosos os vigia de perto com a arma em punho.

CRIMINOSO 1

Escutem aqui, meu parceiro tá lá fora negociando com a polícia pra resolver essa merda. A gente vai trazer mais reforço da nossa quadrilha. Vai ter homem pra todo lado, então nem pensem em fazer alguma besteira, entenderam? Nós não vai ter piedade de ninguém.

Ele aponta o revólver para os reféns, que se encolhem.

CRIMINOSO 1

Isso tudo é porque a polícia matou um inocente lá na nossa quebrada. Um cara que não devia ter morrido. A gente não vai deixar barato, e se tentarem fugir, vocês vão ser os próximos! Vai ter playboy derramando sangue também, tá ligado?

GAEL

Isso tá errado. Vocês estão ameaçando gente inocente, fazendo refém, isso não resolve nada.

CRIMINOSO 1

Fala de novo, seu bosta, e eu te acerto na hora. Aqui quem manda somos a gente, entendeu bem? Fica calado e para de querer bancar o herói se não quiser apanhar mais.

Gael engole o medo, mantendo o olhar firme. Em Ruan muito assustado, a testa brilhando de suor:

## **18. INT. HOSPITAL. CANTINA - DIA.**

Cauã, Luciano e Natália dividem uma mesa da cantina. Há poucas pessoas ao redor, algumas plantas decorativas e uma televisão exibindo uma reportagem policial.

Os poucos clientes e os funcionários atrás de um balcão de cerâmicas coloridas assistem concentrados à reportagem, que exibe imagens aéreas do restaurante onde estão Gael e Ruan.

LUCIANO

Essa violência urbana tá cada vez pior, né? Não dá mais pra sair na rua sem ficar com medo.

NATÁLIA

Às vezes dá até medo de sair de casa com a escalada da violência. Tá tudo ficando mais perigoso.

Cauã olha fixamente para a tela, parece estar tendo algum tipo de pressentimento. Seu cenho está franzido, o olhar parece preocupado. Levanta-se.

CAUÃ

Preciso dar um pulo no banheiro rapidinho. Já volto.

Cauã sai apressado. Em Luciano e Natália assistindo à televisão:

#### **19. INT. HOSPITAL. BANHEIRO - DIA.**

Cauã lava as mãos enquanto encara seu reflexo em um espelho sobre a pia. Tenso, ele seca as mãos com papel e retira seu celular do bolso da calça.

Cauã encontra o contato de Gael e realiza uma ligação, que prontamente cai na caixa postal. Cauã tenta mais uma vez, tendo o mesmo resultado.

CAUÃ

(balbuciando)

Cadê você, Gael? Por que não me atende?

Em Cauã levando uma mão ao peito, assustado:

#### **20. INT. RESTAURANTE. COZINHA - DIA.**

CAM encontra os reféns sentados no chão, Ruan usa um guardanapo para limpar o sangue seco no rosto de Gael. O criminoso, parado sob a soleira, está de costas, encarando o salão do restaurante, olhando algumas vezes para trás.

SUSPENSE. Gael não tira os olhos de uma frigideira perdida sobre o balcão da pia. Ruan fita na direção, encontrando o objeto. Com descrição, aproxima seu rosto do de Gael.

RUAN

(muito discreto)

O que você tá matutando aí?

GAEL

Quero nocautear esse bandido.

Os dois disfarçam quando o criminoso volta a olhar para trás. Ruan continua limpando o rosto de Gael até o homem se virar de volta para frente, observando o salão de mesas.

GAEL

(sussurrando)

Tô com muito medo. Ele tá de olho em mim.

RUAN

Mas não em mim.

Ruan solta bastante ar, tomando coragem. Olha o criminoso, então se levanta e pega a frigideira. Ele encara os reféns e pede silêncio levando o dedo anelar aos lábios. Ruan caminha devagar e sem fazer barulho.

AGILIDADE. No momento em que o criminoso olharia para trás, Ruan o golpeia com toda a força, acertando a frigideira na sua cabeça. O homem tomba para frente, Ruan fecha a porta agilmente e gira a chave, trancando.

Os reféns se sobressaltam. Ruan corre até a pia, sobe sobre o tampo de inox encardido e acerta a frigideira na janela, acertando uma segunda vez para quebrar o vidro.

RUAN

Vamos rápido, gente, não temos tempo a perder.

Ruan passa as pernas e pula para o outro lado. Gael começa a ajudar as pessoas a subirem no balcão da pia enquanto Ruan as auxilia a pular para o outro lado.

## **21. EXT. RESTAURANTE. QUINTAL - DIA.**

AÇÃO. Os reféns pulam um muro pouco alto de divisa do restaurante com outro imóvel. Do outro lado do muro de tijolos expostos, um terreno irregular, com muito mato e aparência de abandonado se estende.

Gael e Ruan lideram os figurantes, correndo com pressa em meio ao matagal. Há muitos mosquitos. Uma idosa faz menção de cair no chão, Ruan a segura pela mão e a ajuda a andar apressada.

De repente um tiro, todos se abaixam. Alguns dos reféns param, assustados, permanecem agachados em meio ao mato alto. Gael e Ruan se viram para trás, vendo as pessoas abaixadas com medo.

MULHER

Eles devem estar trocando tiros  
com a polícia. Vamos acabar  
tomando bala.

GAEL

Gente, não podemos parar agora!  
Temos que fugir daqui depressa!  
Vamos!

RUAN

Continuem correndo senão eles  
podem nos pegar! Corram!

Um tiro mais próximo os assusta novamente. Todos correm inclinados para frente, apavorados, transitando pelo matagal rumo ao muro do outro lado. Mais um disparo atemoriza os personagens, que seguem correndo.

Gael e Ruan alcançam o muro do outro lado do terreno. Os dois conseguem derrubar alguns tijolos expostos, aumentando um buraco no muro até um tamanho onde as pessoas conseguem atravessar para a calçada do outro lado.

Em Gael e Ruan ajudando as pessoas a passarem, uma a uma, com pressa e cuidado:

## **22. INT. DELEGACIA DE POLÍCIA. SALA DE ESPERA - NOITE.**

Gael e Ruan estão sentados lado a lado em poltronas de espera. Ruan parece mais aterrado, bebe água em um copo descartável e depois fica amassando o plástico; Gael está mais tranquilo, embora a cabeça baixa e o olhar sério.



RUAN

Não consigo esquecer aquela arma apontada pra gente... parecia que ia acabar tudo ali.

GAEL

O que importa é que conseguimos sair sãos e salvos. Quer dizer, eu tomei um soco e fui ameaçado de morte, mas ok, podia ser pior. Eu podia estar igual a uma peneira agora.

RUAN

Não fala isso nem brincando, ainda tô me tremendo inteiro. Nunca fiquei tão aterrado em toda a minha vida.

GAEL

Você foi muito corajoso, tá ouvindo? Salvou todo mundo naquela cozinha, aquilo não foi pouca coisa.

RUAN

(voz embargada)

Mas eu pensei que... que ia morrer. Que todo mundo ali ia morrer junto comigo. Acho que nunca mais vou me esquecer dessa situação.

GAEL

Fica tranquilo, a gente tá salvo agora. A única sequela foi o celular que perdi. Falando nisso, pode me emprestar o seu? Cauã deve estar louco me procurando, também quero saber notícias de Lavínia.

Ruan tira o celular do bolso do macacão, desbloqueia a tela e o entrega para Gael. Nele concentrado no aparelho:

**23. EXT. DELEGACIA DE POLÍCIA. FACHADA - NOITE.**

A viatura estacionada na frente da delegacia liga as luzes para partir. O ambiente ainda está movimentado: jornalistas tentando captar algo, policiais circulando e familiares chegando para buscar os sobreviventes do sequestro.

Gael desce os últimos degraus da delegacia com o rosto cansado, olhos vermelhos. Quando ele cruza a porta, avista Cauã parado ali, sozinho, olhando em sua direção. Assim que os olhares se encontram, Cauã corre até ele.

EMOÇÃO. Os dois se abraçam com força. Gael se deixa envolver. O abraço é longo, apertado, intenso. Uma lágrima chega a escorrer pelo rosto de Cauã, com um semblante que mescla desespero e alívio.

Gael

(emocionado)

Amor, achei que não ia te ver de novo.

Cauã

Eu também... cê não faz ideia do medo que eu senti quando soube. Parece que eu adivinhei, quando vi a reportagem na TV já fiquei apreensivo.

Gael o abraça ainda mais forte. Eles permanecem agarrados por instantes até se afastarem um pouco, fitando fundo nos olhos um do outro.

Nesse momento, Ruan surge na porta da delegacia, carregando uma sacola de plástico e os ombros caídos. Ao ver o abraço, para por um segundo, inspira e se aproxima. O clima muda sutilmente. Cauã endurece o semblante ao notá-lo.

Ruan

(sem graça)

Eles prenderam os caras. Um ainda tá em estado grave por ter trocado tiros com a polícia. Acho que não vai sair dessa.

Gael olha pra ele, preocupado, embora compreensivo. Cauã continua calado, frio. Ruan percebe o olhar dele.

RUAN

Eu... vou pra casa. Preciso de um banho, de silêncio. Tô exausto.

GAEL

Claro. Fica bem, tá? Vai pra casa descansar. A gente se fala mais tarde.

Ruan assente com um meio sorriso. Seu olhar volta brevemente para Cauã, que não retribui. A tensão é clara. Ruan percebe, não diz nada, apenas vira as costas e se afasta pela calçada escura, solitário.

GAEL

Ele passou um sufoco também.

CAUÃ

Eu sei, mas não tô com cabeça pra pensar nele agora.

Gael assente em silêncio. Depois, entrelaça os dedos aos de Cauã e ambos caminham devagar pela calçada.

GAEL

Vamos pra casa? Quero descansar e saber de Lavínia.

CAUÃ

Claro. E não me deixa mais no vácuo daquele jeito, tá?

Gael sorri por um momento. Eles trocam um olhar cúmplice e seguem em direção pelo estacionamento, iluminados pelas luzes cintilantes da viatura parada. Neles andando juntos:

#### **24. INT. APARTAMENTO DE LAVÍNIA. SALA - NOITE.**

Mariano, de camiseta e calça de moletom, parece cansado, recém-acordado. Carrega um copo de água na mão, ainda com olheiras profundas e expressão abatida. A campainha toca. Ele caminha até a porta e a abre.

SARAH

Oi, Mariano. Posso entrar?

Mariano abre espaço, Sarah entra. Olha ao redor, avaliando o ambiente bagunçado e silencioso. Mariano fecha a porta e se recosta nela de braços cruzados.

SARAH

Como Lavínia está? Soube que você passou a noite no hospital.

MARIANO

E devia estar lá ainda, mas precisava respirar, dormir um pouco. Lavínia segue em observação.

SARAH

Imagino como deve estar sendo pra você... pra todos nós.

MARIANO

Todos nós, Sarah?! Não força.

SARAH

Eu tô tentando. Você precisa entender que sair batendo em Benício não resolve nada!

MARIANO

Você quer que eu faça o quê, então? Que agradeça por ele ter jogado gasolina num incêndio que já tava destruindo tudo?

SARAH

Ele não fez isso, ele só contou a verdade! Fora que não foi ele quem começou com isso tudo/

MARIANO

Lavínia tem o direito de viver a vida dela sem ser massacrada em um púlpito, Sarah! E o teu marido, esse hipócrita doente, sabia que aquilo ia inflamar os

fiéis! Sabia que ia causar  
revolta! Era isso que ele queria.

SARAH

Você tá cego de raiva, e tá me  
ofendendo também!

MARIANO

Talvez seja hora de você abrir os  
olhos. Benício não é quem você  
pensa.

SARAH

Engraçado você dizer isso porque  
hoje mesmo, quando fui à igreja,  
ele tava lá com o rosto todo  
ferido, arrebetado da surra que  
levou. Será que é ele que não é  
quem a gente pensa?

MARIANO

E você ficou ouvindo as falácias  
dele enquanto limpava os  
ferimentos, aposto.

SARAH

Você está enganado. Nem precisei  
cuidar dele, Benício é uma boa  
pessoa e já estava sendo cuidado  
pela menina que ajuda lá na  
igreja.

MARIANO

Menina?! Que menina?!

SARAH

Uma que ajuda Benício na igreja.  
Os pais dela são evangélicos,  
eles a colocaram lá e Benício  
cuida dela. Eu entrei e ele tava  
com o rosto todo arrebetado, e  
ela limpando os cortes com  
algodão. Isso prova que ele é,  
sim, uma boa pessoa. O que a  
menina ia ganhar limpando os  
ferimentos dele?

MARIANO

Que história insana é essa?

SARAH

Insanidade é a sua. Não vai me dizer que tá imaginando malícia?

Mariano a encara, os olhos intensos, perturbado. Baixa a cabeça por um instante e fecha os punhos lentamente.

MARIANO

Você precisa abrir os olhos, Sarah. E rápido.

SARAH

(irritada)  
Você tá insinuando o quê? Que ele... você tá indo longe demais!

MARIANO

Você viu a cena com seus próprios olhos, não tô insinuando nada. Só tô dizendo pra prestar atenção. Não é correto um homem ficar só numa sala com uma menor de idade, principalmente alguém com o histórico de Benício.

Sarah respira fundo, estremecida com a intensidade da fala. Eles se encaram por um instante tenso.

SARAH

Vou orar por você, Mariano.

MARIANO

Ore por ela. Pela menina.

Sarah engole em seco, pega a bolsa e sai rapidamente. Mariano fica parado no meio da sala, olhando pro nada, claramente inquieto. Nele apreensivo:

## 25. INT. HOSPITAL. LEITO DE LAVÍNIA - NOITE.

**SONOPLASTIA: Ariana Grande - Hampstead.** DRAMA. O ambiente é silencioso, os sons dos monitores cardíacos preenchem o

quarto com alguns leitos separados por cortinas. Lavínia está deitada, desacordada, ligada a alguns aparelhos, com leves ferimentos no rosto.

A porta se abre lentamente, Natália entra com passos contidos e anda devagar por um leito até o segundo, seguindo à maca onde está Lavínia.

NATÁLIA

(emocionada)

Oi, amor. Você tá aqui, mas parece tão longe. E eu tô aqui, inteira... só que despedaçada. Sinto sua falta, sabia? Falta de conversar com você, de te dar bom-dia, de tomar vinho no meu quarto e namorar. Sinto falta até das suas respostas lacônicas quando tá escrevendo seu livro, acredita?

Natália se senta na cadeira de acompanhante e afaga os dedos da mão de Lavínia enquanto uma lágrima escorre pelo seu rosto. Nela encostando a cabeça perto de Lavínia:  
SONOPLASTIA OFF.

## 26. INT. HOSPITAL. SAGUÃO DE ESPERA - NOITE.

Natália surge pelo corredor visivelmente abalada. Seus olhos ainda estão vermelhos quando se senta em uma das poltronas, tentando se recompor.

Luciano está em pé, encostado na parede ao lado de uma máquina de café, olhando o celular. Ao ver Natália, se aproxima com cuidado.

LUCIANO

Conseguiu falar com ela?

NATÁLIA

Falei... falei como se ela pudesse me ouvir.

(engole o choro)

Ela tá tão quieta... tão longe.

LUCIANO

Mas ela tá viva e é muito forte.  
Lavínia sempre volta.  
(abaixa-se até ela)  
Você se importa de ficar sozinha?  
Preciso dar uma saída.

NATÁLIA

Claro, eu fico. Aonde você vai?

LUCIANO

O delegado acabou de me ligar,  
localizaram o cara que jogou o  
carro de Lavínia dentro do canal.  
Quero ir junto, quero participar  
da operação.

NATÁLIA

Tem certeza? Não é perigoso?

LUCIANO

Não sei, mas eu vou. Ninguém me  
segura. Eu vou, quero olhar na  
cara daquele bandido, quero ficar  
cara a cara com ele.

Reação de Natália. Em Luciano sério:

**27. INT. CASA DE EVA E MARIANO. SALA - NOITE.**

A sala está em completo caos: almofadas jogadas ao chão,  
uma estante toda revirada, papéis espalhados. Além disso,  
há terra por todo o piso e sobre alguns móveis.

Eva, cabelos desgrenhados, rosto suado e olhos arregalados,  
atira terra sobre o piso, esvaziando um grande vaso muito  
bonito com plantas.

EVA

(insana)  
Vou vender tudo! Cada centavo vai  
ser entregue na casa de Deus! Ele  
vai curar minha filha, Lavínia há  
de sair daquele hospital andando!



Com as mãos sujas de terra, Eva corre até a estante, revira os papéis como se procurasse por alguma coisa. No seu olhar de insanidade, com as pupilas dilatadas e a testa suada:

**28. INT. CASA DE BENÍCIO. CORREDOR - NOITE.**

A campainha soa incessantemente. Benício desce as escadas com pressa, andando apressado até a porta, onde depara com Eva. Ela está com olhar de louca, cheia de joias nas duas mãos. Benício estranha, recua.

BENÍCIO

Eva?! O que você tá fazendo aqui?

EVA

Pastor, você precisa aceitar. São joias da minha família e do meu casamento, elas valem muito, muito dinheiro. Olhe só.

Eva joga tudo no chão: anéis, brincos e colares dourados com pedras brilham sob a luz morna do abajur.

EVA

Vou vender os móveis também. Geladeira, sofá, até o fogão. Eu posso viver com o essencial. O resto vai para o altar, para que o Senhor cure Lavínia, cure minha família!

Eva sorri, vitoriosa, trêmula. Em Benício assustado:

**29. INT. IGREJA EVANGÉLICA. SALÃO PRINCIPAL - NOITE.**

TENSÃO. Dois voluntários varrem o piso, organizando a igreja. Mariano entra pela porta da frente, andando com discrição até a sala de apoio, com a porta aberta.

Mariano entra na sala sem ser visto, deparando com a adolescente encaixando o fio do microfone em uma caixa de som. A presença de Mariano a assusta, ela recua.

MARIANO

Calma, não quero te assustar. Meu nome é Mariano, eu sou amigo de Benício. Aliás, sou cunhado dele. Vim saber dele.

MENINA

(acanhada, falando baixo)  
O pastor ainda não chegou pro culto... ainda estamos arrumando tudo.

MARIANO

(sutil, com um sorriso)  
Eu sei, quero falar justamente com você. Benício te trata muito bem, não trata? Fala a verdade pra mim.

A jovem assente com a cabeça.

MARIANO

Você me parece muito assustada, muito tímida. Não precisa ter medo de mim, não vou te fazer mal algum, só quero saber de Benício. Disseram que ele é um homem muito bom, por isso quero saber o que ele faz pra você, como ele te trata. Só isso. Você me diz?

A adolescente recua, notoriamente receosa e desconfortável.  
Em Mariano avançando:

A IMAGEM DE MARIANO CONGELA DEVAGAR E ADQUIRE RACHADURAS  
COMO UM PEDAÇO DE VIDRO TRINCADO.

**FIM DO CAPÍTULO**